

A Profecia Autorrealizada

Tradução do conto “La Profecía autocumplida”, de Gabriel García Marquez

Imagine pequeno povoado onde tem uma velha senhora e seus dois filhos, um de 17 e uma filha de 14. Ela está servindo o café da manhã com uma expressão preocupada. Os filhos perguntam o que aconteceu e ela lhes responde:

-Não sei, mas acordei com o pressentimento de que algo muito grave vai acontecer com esse povoado.

Eles riem da mãe. Dizem que são dores de velho, coisa que passa. O filho vai jogar bilhar, e no momento em que vai encaçar uma bola bem fácil, outro jogador lhe diz:

-Aposto um peso que não acerta.

Todos riem. Ele ri. Mira na caçapa e erra. Paga seu peso e todos perguntam o que aconteceu, pois era uma caçapa fácil. Se defendeu:

-É verdade, mas fiquei preocupado com uma coisa que minha mãe me disse essa manhã sobre algo grave que vai acontecer com o povoado.

Todos riem dele, e o que ganhou o peso volta para casa, onde está sua mãe ou uma prima ou enfim, qualquer parente. Feliz com seu peso, diz:

-Ganhei esse peso fácil de Dámaso porque ele é um tonto.

-E por que ele é um tonto?

-Porque não conseguiu acertar uma caçapa fácil, segundo ele, atormentado com a ideia de que sua mãe acordou hoje achando que algo grave vai acontecer com esse povoado.

Então sua mãe diz:

-Não zombe dos pressentimentos dos velhos porque às vezes acontecem.

Uma parente que ouvia isso vai comprar carne. Ela diz ao açougueiro:

*-Me dá meio quilo de carne — e no momento do corte, acrescenta —
Melhor me dar um, porque andam dizendo que algo grave vai
acontecer e é melhor estar preparado.*

*O açougueiro entrega sua carne e quando chega outra senhora
para comprar meio quilo de carne, ele diz:*

*-Melhor levar um porque aqui vem gente dizendo que algo muito
grave vai acontecer, e estão se preparando e comprando coisas.*

Então a velha responde:

-Tenho vários filhos, veja bem, melhor me dar dois quilos.

*Ela leva os dois quilos; e para não alongar o conto, direi que o
carniceiro em meia hora esgota a carne, mata outra vaca, vende ela
toda e vai espalhando o rumor.*

*Chega uma hora em que todo mundo, no povoado inteiro, está
esperando algo acontecer. Às duas da tarde, faz calor como sempre.*

Alguém diz:

-Percebeu o calor que está fazendo?

-Mas nesse povoado sempre fez calor!

-Sem brincadeira — disse um — , nessa hora nunca fez tanto calor.

-Mas às duas da tarde é quando mais faz calor.

-Sim, mas não tanto calor como agora.

*No povoado, a todos alarma, na praça deserta, de repente desce um
passarinho e corre a voz:*

-Há um passarinho na praça.

E vem todo mundo espantado ver o passarinho.

-Mas senhores — disse um — , sempre teve passarinhos aqui.

-Sim, mas nunca a essa hora.

Chega um momento de tamanha tensão para os habitantes do povoado, que todos estão desesperados para fugir mas não têm a coragem.

-Eu sou homem! — grita um — . Eu vou.

Agarra seus móveis, seus filhos, seus animais, os mete em uma carreta e atravessa a rua central onde o pobre povoado está assistindo. Até o momento em que dizem:

-Se ele se atreve, pois nós também vamos.

E começam a desmontar literalmente o povoado. Levam as coisas, os animais, tudo. E um dos últimos que abandona o povoado, diz:

-Que a desgraça não venha a cair sobre o que resta de nossa casa — e então a incendeia e outros incendeiam também suas casas.

Fogem em um tremendo e verdadeiro pânico como num êxodo de guerra, e em meio a eles vai a senhora que teve o presságio, clamando:

-Eu disse que algo muito grave ia acontecer, e me chamaram de louca.